



DA TEORIA DAS IDENTIDADES ÀS IDENTIDADES DOCENTES: ATRAVESSANDO O ESPELHO DE ALICE

*FROM IDENTITY THEORY TO TEACHING IDENTITIES: THROUGH
ALICE'S LOOKING GLASS*

*DE LA TEORÍA DE LAS IDENTIDADES A LAS IDENTIDADES
DOCENTES: ATRAVESANDO EL ESPEJO DE ALICIA*

DOI: 10.5281/zenodo.19393336



Wesley Marven de Freitas Silva¹

Rejane Dias da Silva²

RESUMO

Esta pesquisa integra as produções da RIDEP- Rede Internacional de Pesquisas sobre o Desenvolvimento Profissional de Professores do PPGE/Unibe, a partir do convênio firmado com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), dentre outras. O presente artigo é fomentado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e propõe uma análise da obra Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, a partir das contribuições teóricas de Claude Dubar, Stuart Hall, Vera Maria Candau e Joel Candau, sobre as identidades. Assim, o objetivo deste escrito é analisar, com base no conto ficcional de Alice, a formação identitária em contextos sociais diversos com a finalidade de levantar uma discussão que possa colaborar para o debate sobre a formação docente. Considerando o percurso da personagem Alice como uma metáfora da construção identitária, o texto discute como sua travessia pelo País das Maravilhas representa o confronto com o outro, o deslocamento cultural e a reconfiguração subjetiva. A leitura do conto sob a ótica desses autores permite refletir sobre a identidade como processo dinâmico, relacional e atravessado por experiências interculturais e que tocam em pontos essenciais também para reflexão sobre as identidades docentes. Por fim, esta é uma pesquisa de caráter bibliográfico de abordagem qualitativa e

1 Doutorando do programa de pós-graduação em Educação da UFPE.

2 Doutora em educação e orientadora do programa de pós-graduação em Educação da UFPE.





os levantamentos realizados compõe parte de uma pesquisa de Doutorado ainda em andamento na área da educação com foco na formação docente.

Palavras-chave: Identidades. Alice no País das Maravilhas. Educação.

ABSTRACT

This research is part of the productions of RIDEP – the International Research Network on the Professional Development of Teachers of the Graduate Program in Education (PPGE/Uniube), established through an agreement with the Federal University of Pernambuco (UFPE), among others. This article is supported by the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq) and proposes an analysis of Alice in Wonderland by Lewis Carroll, based on the theoretical contributions of Claude Dubar, Stuart Hall, Vera Maria Candau, and Joel Candau on identity. Thus, the aim of this paper is to analyze, through Alice's fictional story, identity formation in diverse social contexts, in order to foster a discussion that can contribute to the debate on teacher education. Considering the character Alice's journey as a metaphor for identity construction, the text discusses how her passage through Wonderland represents the encounter with the other, cultural displacement, and subjective reconfiguration. Reading the tale through the lens of these authors allows for a reflection on identity as a dynamic and relational process, shaped by intercultural experiences that also touch on essential aspects for thinking about teacher identities. Finally, this is bibliographic research with a qualitative approach, and the findings presented are part of an ongoing doctoral study in the field of education, with a focus on teacher training.

Keywords: Identities. Alice in Wonderland. Education.

RESUMEN

Esta investigación integra las producciones de la RIDEP – Red Internacional de Investigaciones sobre el Desarrollo Profesional de Profesores del PPGE/Uniube, a partir del convenio firmado con la Universidad Federal de Pernambuco (UFPE), entre otras. El presente artículo cuenta con el apoyo del Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico (CNPq) y propone un análisis de la obra Alicia en el País de las Maravillas, de Lewis Carroll, a partir de las contribuciones teóricas de Claude Dubar, Stuart Hall, Vera Maria Candau y Joel Candau sobre las identidades. Así, el objetivo de este escrito es analizar, con base en el cuento ficcional de Alicia, la formación identitaria en contextos sociales diversos, con la finalidad de generar una discusión que pueda contribuir al debate sobre la formación docente. Considerando el recorrido de la personaje Alicia como una metáfora de la construcción identitaria, el texto discute cómo su travesía por el País de las Maravillas representa el enfrentamiento con el otro, el desplazamiento cultural y la reconfiguración subjetiva. La lectura del cuento bajo la óptica de estos autores permite reflexionar sobre la identidad como un proceso dinámico, relacional y atravesado por experiencias interculturales, que tocan aspectos esenciales para la reflexión sobre las identidades docentes. Finalmente, esta es una investigación de carácter





bibliográfico, con enfoque cualitativo, y los levantamientos realizados forman parte de una investigación doctoral aún en curso en el área de la educación, con foco en la formación docente.

Palabras clave: Identidades. Alicia en el País de las Maravillas. Educación.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa integra as produções da RIDEP- Rede Internacional de Pesquisas sobre o Desenvolvimento Profissional de Professores do PPGE/Unube, a partir de um convênio firmado com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), dentre outras.

A construção da identidade tem sido tema central em diversos campos do saber, especialmente nas ciências humanas e na educação. A partir de perspectivas pós-modernas, entende-se que a identidade não é um dado fixo, mas uma construção social, histórica e cultural. Nesse contexto, o conto Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, pode ser lido como uma rica alegoria dos processos de formação identitária, em especial quando analisado à luz das teorias de Claude Dubar, Stuart Hall, Vera Maria Candau e Joel Candau. Neste ponto a figura de Alice, em sua travessia pelo mundo fantástico, nos oferece um terreno simbólico fértil para pensar a identidade como travessia, ruptura e reconstrução. Ao questionar-se constantemente “quem sou eu?”, a personagem vivencia aquilo que os autores citados reconhecem como características fundamentais da subjetividade contemporânea: a instabilidade, o deslocamento e o diálogo com a alteridade.

Este universo fictício e ilógico coloca em questionamento certezas sobre o eu, o corpo, a linguagem e a autoridade, abrindo espaço para pensar a identidade não como uma essência, mas como um processo — performativo, plural, instável e situado. O que nos ajuda a refletir não apenas as identidades humanas, mas questões essenciais sobre as identidades docentes, uma vez que assim como Alice os professores também vivenciam transformações contínuas decorrentes aos seus trabalhos, suas tramas e seus dramas. As expectativas sociais e as experiências subjetivas que mudam ao longo do espaço e tempo também desafiam a presença





de uma única identidade docente, como Dubar (2005) e Candau (2012) apontam, marca presente no conto de Alice.

Desse modo, a constante mudança de tamanho vivida por Alice — crescer e encolher diante das situações — pode ser lida como metáfora das flutuações simbólicas vividas pelo docente frente a diferentes públicos, políticas e estruturas de poder. Ora é reconhecido como autoridade legítima, ora desvalorizado ou silenciado. Essa instabilidade é central à construção da identidade profissional, que, como Hall (2006) aponta, é sempre relacional e histórica.

ALICE ENTRE O FANTÁSTICO E O FORMATIVO: CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS EM MOVIMENTO

Alice no País das Maravilhas, obra clássica de Lewis Carroll (2002), transcende o universo da literatura infantil ao explorar temas profundos relacionados à construção do sujeito e à complexidade da identidade. A jornada de Alice em um mundo repleto de desafios, transformações e encontros inesperados convida o leitor a refletir sobre as mudanças e os questionamentos que marcam a experiência humana, sobretudo nos processos formativos e identitários.

Esse universo fantástico serve como metáfora para as tensões e ambiguidades que atravessam a construção da identidade, tema amplamente discutido nas ciências humanas. A partir das contribuições de autores como Claude Dubar, Stuart Hall e Vera Maria Candau, torna-se possível compreender a identidade como um processo dinâmico, situado socialmente e marcado por constantes renegociações.

Neste sentido, podemos entender que as interações de Alice com os diversos personagens — como a autoritária Rainha de Copas, o enigmático Gato de Cheshire ou o excêntrico Chapeleiro — revelam como a identidade se constrói em relação ao outro. Alice vai se ajustando aos contextos, reconfigurando sua postura e linguagem de acordo com os papéis sociais que lhe são impostos ou negados. Para Dubar (2005), a identidade é construída





ao longo do tempo, em um processo de negociação entre a identidade atribuída pelos outros e a identidade por si assumida. A formação identitária, para o autor, é atravessada por experiências sociais, trajetórias biográficas e contextos institucionais.

Assim, as interações de Alice com os demais personagens de sua trama, são fundamentais para compreensão da lógica subjetiva e provisórias das identidades. Desse modo, ao longo da narrativa cresce e encolhe inúmeras vezes. Essas transformações físicas também podem funcionar como metáforas das mudanças internas que marcam momentos de transição identitária. A célebre pergunta “Quem sou eu?”, feita repetidamente por Alice, evidencia, mais uma vez, o caráter instável da identidade.

Além disso, Alice é colocada frente a figuras e poder, como a Rainha de Copas, cuja autoridade é exercida por meio de um autoritarismo sem sentido para ela. Ao confrontá-las, Alice desafia as hierarquias impostas, abrindo espaço para uma leitura crítica das normas sociais que moldam identidades de forma opressiva ou naturalizada. Para Hall (2006), a identidade moderna está em ruínas. Ela não é mais concebida como unidade estável, mas como algo provisório, fragmentado e atravessado por múltiplas identificações culturais.

Neste ponto, a personagem Alice se depara com uma nova (re)significação de si, tencionada pela sua representação de poder e autoridade que diverge da Rainha de Copas e daquele mundo invertido, para ela. Uma vez que, o espelho reflete, mas também inverte o que é refletido e isso pode significar a lógica complexa e contraditória de sua visão das coisas. Candau (2012) contribui com uma perspectiva pedagógica e intercultural da identidade, enfatizando que ela se forma no contato com a diferença e nas experiências culturais diversas. Para a autora, a identidade é plural e está em constante negociação, sendo fortemente marcada pelas relações de poder e pela convivência com o outro.

Sendo assim, a linguagem no mundo do espelho é cheia de paradoxos e jogos e isso pode ter influenciado Alice a se questionar sobre o que é real, o que é verdadeiro ou até mesmo o que é possível, e isso formula quem ela é e como ela entende o mundo a sua volta. Este processo de desestabilização e reconstrução identitária, típico da teoria de Dubar. Alice é





colocada em situações que rompem com as normas do seu mundo de origem, forçando-a a reinterpretar quem ela é em relação ao novo contexto.

ALGUMAS DAS TEORIAS SOBRE IDENTIDADES: ENTRE AS DIFERENÇAS E AS SEMELHANÇAS

Ao abordar conceitos como memórias e experiências, é possível observar que as identidades possuem uma complexidade ainda maior. Conforme Candau (2021), é comum este termo aparecer com o sentido de estado, que pode ser o resultado de uma organização administrativa (como nossos documentos, currículos) ou uma representação individual de nós mesmos (Candau, 2021).

O conceito de identidade perpassa questões como: quem eu sou? Para onde gostaria de ir? Quais posturas humanas e profissionais adoto? Quais são as representações, memórias e sentimentos de pertença que carrego até aqui? De acordo com Passeggi (2011), os estudos educacionais que se utilizam de fontes (auto)biográficas têm se voltado para a reflexão das questões identitárias. No entanto, “[...] ainda são raras aquelas que investigam a ressignificação da experiência no ato de narrar a própria vida” (Passeggi, 2011, p. 148).

Encarar identidades humanas de pessoas comuns é explorar a relação entre memórias, experiências na formação identitária e a elaboração das representações sociais que criamos do mundo e de nós mesmos.

Ampliar o entendimento sobre o campo das identidades torna-se uma atividade essencial para compreender melhor o professor e o ser humano que as pessoas comuns se tornam (Hall, 2006).

Para o autor, as identidades podem ser vistas como um processo de identificação no qual o ser humano é convocado diante das práticas discursivas, assumindo determinados papéis sociais:

Utilizo o termo ‘identidade’ para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos





‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode ‘falar’. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós (Hall, 2006, p. 111-112).

Dessa maneira, as identidades não são produtos fixos. Elas são capazes de produzir subjetividades que são acionadas nos nossos comportamentos e discursos. Com isso, permitindo diferenciar o que somos daquilo que não somos, como um estado momentâneo definido por um tempo fluido, em que novas identidades podem ser elaboradas e algumas existentes entrar em colapso (Hall, 2006).

As identidades permitem nomeação e identificação, nos tornando capazes de diferenciar o que somos daquilo que não somos. Essas identidades são resultadas de processos sociais, discursos e relações de poder. Algumas identidades são impostas pelas estruturas sociais, enquanto outras são disputadas por diferentes grupos sociais. Silva (2010, p. 93) afirma:

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Dizer ‘o que somos’ significa também dizer ‘o que não somos’. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre quem fica dentro e o que fica fora.

Resolvemos utilizar o termo “identidades” no plural de forma intencional, visto que essas demarcações não são fixas. Selecionamos determinadas distinções e comportamentos de acordo com o grupo social e as normas do ambiente ao qual ficamos expostos. Portanto, não carregamos uma única maneira de dizer quem somos; possuímos identidades, maneiras diferentes de incluir e excluir nossas fronteiras pessoais e de subjetivar a realidade (Silva, 2010; Moita, 2013).

Para estes autores, as identidades podem ser vistas como fenômenos que acontecem no íntimo de cada humano e que estão condicionadas a um conjunto de fatores, como: relações





de poder, grau de familiaridade e identificação, além de questões de ordem subjetiva como grau de interesse e sentimentos atribuídos. Dessa forma, as identidades individuais se diferem das coletivas, que são elaboradas a partir de outros fatores e movimentos (Silva, 2010; Moita, 2013).

Sobre as identidades coletivas, destacamos que um determinado grupo também produz, de maneira mais ou menos semelhante entre os indivíduos pertencentes, formas de dizer quem são, histórias, clareza quanto à sua origem, seus processos de luta e disputa, assim como suas representações sociais. Todavia, o que difere as identidades coletivas das individuais é a nossa inquietação ontológica de sermos únicos, autênticos e dotados de algo que nos difere e constata enquanto seres humanos. Não se trata de uma questão valorativa, mas de uma coexistência importante para nossa identificação enquanto grupo e indivíduo (Oriol, 1984).

Candau (2021) chama essa questão de “incerteza identitária”. Preservar as memórias individuais e coletivas é uma forma de preservar as identidades de diferentes grupos sociais e aquelas próprias de um indivíduo. Em uma sociedade cujas memórias não se convertem em documentos escritos e institucionais, as identidades humanas podem entrar em crise, revelada pela falta de pertencimento e senso de direção. Oriol (1984, p. 28) destaca:

Não é a emergência de uma forma mundializada de existência coletiva, é o reforço da possibilidade de dizer seu pertencimento, de promovê-lo, desenvolvê-lo, reivindicá-lo independente da legitimidade oficial. Em outros termos, o enfraquecimento da totalização institucional comporta não o aparecimento de outros modos de totalizações objetivas - o proletariado universal, a humanidade e sua universalidade concreta -, mas a promoção da totalização existencial, a capacidade mais clara, mais consciente para os sujeitos de sistematizar as escolhas essenciais da vida pessoal em termos de identidade. O casamento, a profissão, o lugar de residência, a língua, se vinculam mais claramente a uma decisão de pertencimento à qual sem dúvida o ambiente condiciona as possibilidades e fornece recursos, mas que não é suficiente para assim definir de maneira irrevogável.

Preservar a memória coletiva e individual é uma emergência dos tempos atuais. Os discursos metamemoriais dominantes já admitem, como Candau (2021) revela, o





desaparecimento das memórias coletivas e das pequenas memórias individuais que seriam instrumentos importantes de organização social, cura e pertencimento. São identidades que entram em colapso diante de um mundo cada vez mais globalizado, informatizado e desigual. Esse movimento converte heterogeneidade em homogeneidade, pluralidade de formas de ser e pensar em unicidade, diversidade em uniformidade (Candau, 2021).

Os estudos identitários revelam que a identidade só existe através da relação estreita entre coletividade e individualidade, dependência e diferença (Silva, 2010; Hall, 2006; Candau, 2021). Identidade e diferença são inseparáveis, pois uma necessita da outra para existir. Os grandes discursos capitalistas servem como mecanismos quase contrários à diversidade identitária e à memória. Silva (2010, p. 90) enuncia que “[...] a diferença é o processo pelo qual a identidade é a própria diferença, enquanto produto desse processo, são produzidas”. Enquanto, Hall (2006, p. 110) reforça essa racionalidade:

Acima de tudo, e de forma diretamente contrária àquela pela qual elas são constantemente invocadas, as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado “positivo” de qualquer termo – e, assim, sua “identidade” – pode ser construído.

Por sua vez, Nóvoa (1988; 1992) indica que essas identidades, estabelecidas em universos socioculturais diversos, pelas relações de poder, gênero, classe social, tempo e espaço, são capazes de nos dar autonomia. O processo identitário de (re)conhecer e (re)afirmar quem somos nos garante uma certa capacidade de controle das nossas ações. Para o autor, as identidades não são propriedades ou produtos; elas devem ser vistas como um lugar de luta e conflitos, um território de construções e reconstruções humanas e profissionais.

Sobre o tema, Pimenta (2002) destaca que o processo de elaboração das nossas identidades obedece a um caráter essencialmente histórico. Construimos nossas identidades em um determinado contexto social, tempo e espaço. Assim, por meio das nossas ações e reflexões, (re)elaboramos essas identidades dentro de um campo de disputas contra outras





identidades dominantes. Lutamos pela nossa forma de ser, pela bagagem histórica do vivido, pelas heranças culturais e afetivas que carregamos. Temos diversas maneiras, baseadas nessas influências e no nosso processo singular de construção identitária, de agir, de dizer quem somos e para onde queremos ir; cada uma adequada ao espaço, às circunstâncias e às pessoas em interação (Pimenta, 2002). Neste estudo, resolvemos não apenas considerar a coexistência de uma diversidade conceitual para a categoria “identidade”, mas entendemos que é necessário articular essas concepções na tentativa de descobrir algo novo, algo entre elas ou para além delas. Assim, observamos que para Claude Dubar (2005), a identidade é concebida como um processo de construção social, resultado da articulação entre duas dimensões: a identidade “para si”, construída subjetivamente a partir da trajetória individual, e a identidade “para o outro”, atribuída socialmente com base nas interações e instituições. Assim, a identidade não é fixa nem herdada, mas construída ao longo da vida, em constante negociação entre o individual e o coletivo, entre o passado biográfico e os papéis sociais assumidos.

Já para Stuart Hall (2006), a identidade deve ser pensada em termos culturais e discursivos, e não como uma essência ou origem. O autor a define como um ponto de articulação provisório, instável e fragmentado, moldado pelas condições históricas e pelas relações de poder. Em sua perspectiva pós-estruturalista, as identidades são sempre inacabadas, marcadas pela diáspora, pelo deslocamento e pela multiplicidade. Hall rejeita a noção de identidade como algo “natural” e defende que ela se constitui por meio de discursos e representações culturais em constante disputa.

Por sua vez, Vera Maria Candau (2012) propõe uma abordagem da identidade centrada na interculturalidade e na educação. Para a autora, a identidade é marcada pelas experiências sociais e culturais que os sujeitos vivenciam, especialmente no contato com o “outro”. Em seu entendimento, a identidade é plural, situada e construída a partir de relações de convivência, diálogo e reconhecimento da diferença. Essa visão é particularmente importante para o campo educacional, pois convida à construção de práticas pedagógicas mais abertas à diversidade e à justiça social.





Em síntese, as contribuições de Dubar, Hall, Candau (2012) e Candau (2021) revelam diferentes dimensões da identidade: a identidade como negociação social (Dubar), como construção discursiva e histórica (Hall) e como experiência intercultural e educativa (Candau, 2012), e a importância de entender as identidades como um elaboração contínua e subjetiva em relação ao outro e à memória. Compreender essas distinções permite ampliar o olhar sobre os processos identitários, especialmente no contexto da formação docente, que se dá na interseção entre estruturas sociais, experiências culturais e práticas pedagógicas cotidianas.

DA TEORIA DAS IDENTIDADES AS IDENTIDADES DOCENTES

Com o decurso de nossas vidas, muitos papéis são assumidos, atividades interpelam no cotidiano, responsabilidades e trocas. Todavia, é neste mesmo contexto dinâmico e constante que construímos nossas identidades. Como apresentamos no tópico anterior, elas são elaboradas a partir de um tempo e espaço, de demandas e reflexões, de memória (Candau, 2021).

Assim como as demais identidades que assumimos durante a vida, são formadas as identidades docentes. É por meio desta que consigo elaborar um significado para a profissão, empregar uma visão de mundo, sonhos e utopias. Como Pimenta (2000, p. 19), acredito que “[...] uma identidade profissional se constrói a partir da significação social da profissão, da revisão constante dos significados sociais da profissão, da revisão das tradições”.

Ninguém é professor por vocação; nos tornamos docentes a partir do momento que forjamos nossa identidade profissional no cotidiano, como autores e atores da trama de nossas vidas. Criamos códigos internos, representações sociais, crenças, angústias e experiências. A identidade profissional docente não existiria sem essas elaborações internas, sem a reflexão sobre as marcas trazidas pelo próprio cotidiano (Dubar, 2005).

De acordo com o autor, a identidade docente, assim como todas as outras, é sempre revelada por dois lados: as identidades para si e as identidades atribuídas. Na primeira, o indivíduo atribui a si próprio uma maneira de se identificar, tensionando o real e o ideal;





enquanto nas identidades atribuídas, o indivíduo é identificado por outros através da cultura e das subjetividades que cada um carrega. Estas são construídas dentro de instituições, culturas já estabelecidas e coletivos, carregando tanto elementos pessoais e singulares quanto elementos institucionais e coletivos (Dubar, 2005).

Todavia, essas identidades laborais não são elaborações fixas ou permanentes; elas estão em constante processo de mudança. Estamos o tempo todo experienciando novas situações, realizando novas reflexões, lembrando e esquecendo. Para Garcia (2020, p. 01):

A identidade docente é, ao mesmo tempo, um processo de identificação e diferenciação, não fixo e provisório, que resulta de negociações de ordem simbólica que os professores realizam em meio a um conjunto de variáveis como suas biografias, as relações e condições de trabalho, a história e a cultura que caracteriza a docência enquanto atividade profissional, e representações colocadas em circulação por discursos que disputam os modos de ser e agir dos docentes no exercício do ensino e do trabalho docente.

Dessa forma, não assumimos uma única identidade docente. Ao longo de nossas vidas, podemos encontrar diversas formas de nos reconhecermos enquanto docentes. Estamos constantemente diante de uma variedade de experiências no campo da educação e, diante dessas experiências, memórias e esquecimentos, não nos cabe outra coisa senão realizar novas reflexões.

Segundo Pimenta (2000), a identidade também não pode ser vista como algo externo que pode ser comprado ou adquirido. Não cabe às instituições o papel de construção identitária; ela é um processo de construção interno, em que um sujeito historicamente situado se coloca em constante reflexão, pois:

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Como, também, da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações, porque estão prenhes de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias, constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de





seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida: o ser professor (Pimenta, 2000, p. 11).

A identidade profissional está claramente vinculada ao estatuto e função social da profissão, à cultura do grupo de pertença laboral e ao contexto sociopolítico (Moita, 2013). A identidade docente se constrói a partir das interações entre os diferentes universos socioculturais, das experiências formadoras, da nossa capacidade de lembrar e de esquecer, nos processos de dominância dos discursos hegemônicos. Assim, é forjada numa rede de relações de poder, gênero, classe, características dos tempos e espaços onde ocorre o processo identitário. Todavia, é esse mesmo processo identitário que passa pela capacidade de exercermos com autonomia as nossas atividades trabalhistas dentro e fora da escola, pelo significado que damos à profissão e sonhos (Nóvoa, 1988).

Desse modo, constituição da identidade docente é um processo complexo, atravessado por fatores históricos, sociais, culturais e subjetivos. Em contextos educacionais marcados por mudanças curriculares, exigências institucionais e crescentes tensões políticas e simbólicas, pensar a identidade docente como um fenômeno estático torna-se inviável. Nesse sentido, autores como Claude Dubar, Stuart Hall e Vera Maria Candau oferecem contribuições fundamentais para compreender a docência como uma prática identitária em constante (re)construção.

Para Claude Dubar (2005), a identidade profissional do(a) professor(a) resulta da articulação entre a trajetória individual e as representações sociais atribuídas à função docente. Ele concebe a identidade como uma construção processual e relacional, formada a partir do encontro entre o "eu para mim" (a identidade subjetiva, autobiográfica) e o "eu para os outros" (a identidade social, imposta ou reconhecida). No caso do magistério, esse processo é especialmente instável, pois o reconhecimento social da profissão docente está em constante mutação, exigindo que o sujeito reelabore sua identidade frente às transformações institucionais, às políticas educacionais e às relações escolares cotidianas.





Stuart Hall (2006), por sua vez, propõe uma leitura cultural e discursiva da identidade. Ao rejeitar concepções essencialistas, Hall destaca que a identidade do(a) docente é sempre provisória, marcada por deslocamentos, fragmentações e múltiplas filiações. A docência, nessa perspectiva, não é uma identidade unificada, mas um conjunto de posicionamentos que os professores ocupam e performam em contextos específicos. A atuação docente se dá em meio a discursos hegemônicos sobre o que é “ser professor”, e o profissional precisa constantemente negociar essas narrativas para afirmar sua própria presença pedagógica.

Já Vera Maria Candau (2012) oferece uma perspectiva situada na interculturalidade, fundamental para compreender as identidades docentes em contextos escolares diversos. Para a autora, o(a) professor(a) constrói sua identidade a partir de relações de convivência com estudantes, colegas e culturas diferentes — sendo constantemente desafiado a rever concepções, práticas e crenças. Candau (2012) entende a identidade docente como plural e dinâmica, formada por meio do diálogo com a diferença, o que demanda uma postura ética e pedagógica aberta à escuta, à alteridade e à transformação mútua.

A partir dessas três perspectivas, é possível afirmar que a identidade docente é um campo de disputas, de reinvenções e de atravessamentos culturais, institucionais e subjetivos. Ela se constitui na tensão entre reconhecimento e negação, entre expectativas externas e escolhas internas, entre tradição e inovação. Compreender essas múltiplas camadas é essencial para valorizar a docência como uma prática reflexiva, crítica e situada, cuja identidade não está pronta, mas se constrói a cada gesto, a cada encontro e a cada travessia.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como de natureza qualitativa, com abordagem bibliográfica, pois se fundamenta na análise e interpretação de obras e referenciais teóricos já publicados sobre o tema das identidades, articulados ao conto *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica permite a compreensão aprofundada de fenômenos a partir do levantamento e estudo de produções anteriores, sendo





adequada quando se busca construir um referencial analítico robusto sobre determinado objeto.

O corpus teórico que embasa este estudo é composto pelas contribuições de Dubar (2005), Hall (2006), Candau (2021) e Candau, V. M. (2012), cujas reflexões sobre identidade e memória orientam a análise metafórica do percurso da personagem Alice como representação da formação identitária em contextos sociais diversos. A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se pelo interesse em compreender a identidade como processo dinâmico, relacional e atravessado por experiências interculturais, o que demanda interpretação subjetiva e contextualizada (Minayo, 2010).

A análise foi conduzida em três etapas: (1) levantamento e seleção de obras teóricas pertinentes ao objeto de estudo; (2) leitura integral e fichamento do conto literário e dos textos acadêmicos selecionados; (3) análise interpretativa, articulando elementos narrativos de Alice no País das Maravilhas aos conceitos de identidade discutidos pelos autores. Por se tratar de recorte de uma pesquisa de Doutorado em andamento, os dados obtidos e as interpretações compõem parte de um estudo mais amplo vinculado à Rede Internacional de Pesquisas sobre o Desenvolvimento Profissional de Professores (RIDEP).

UM OLHAR INTERPRETATIVO DIANTE DOS DADOS

A análise de Alice no País das Maravilhas sob a perspectiva das teorias de identidade propostas por Claude Dubar, Stuart Hall, Vera Maria Candau (2012) e Candau (2021) evidencia o potencial formativo e simbólico da obra de Lewis Carroll para refletir sobre os processos de constituição do sujeito contemporâneo. O conto, com sua estrutura absurda e lógica subvertida, representa de maneira criativa e crítica as rupturas, incertezas e negociações que marcam a formação da identidade em contextos complexos e plurais.

Ao longo de sua jornada, Alice é confrontada com situações que a forçam a questionar a si mesma, a adaptar-se a realidades instáveis e a interagir com figuras que desafiam sua compreensão de mundo. Essa travessia espelha, de forma alegórica, aquilo que Dubar concebe





como o conflito entre a identidade atribuída e a identidade construída: um processo contínuo, marcado por experiências e relações sociais que exigem reposicionamentos constantes do sujeito.

Por sua vez, a ideia de Hall sobre a identidade como algo fragmentado, fluido e culturalmente situado encontra eco nas transformações físicas, afetivas e simbólicas de Alice. Sua dificuldade em manter uma imagem estável de si própria reflete a perda das referências fixas e a necessidade de construir significados em meio à diversidade e ao deslocamento. A identidade, nesse sentido, não é essência, mas um ponto provisório de articulação entre múltiplas narrativas.

Essa busca identitária encontra eco na perspectiva de Joel Candau (2021), para quem a identidade é construída na articulação entre memória, experiência e reconhecimento. No percurso de Alice pelo País das Maravilhas, suas lembranças do “mundo real” entram em conflito com os valores e lógicas absurdas daquele novo espaço, desestabilizando suas referências e provocando a necessidade de (re)construção de si mesma. Assim como propõe Candau, a identidade não é algo dado, mas um processo contínuo de elaboração subjetiva em relação ao outro e à memória — individual e coletiva — que a sustenta. Alice representa, simbolicamente, esse sujeito que precisa se (re)posicionar diante de novos cenários e relações para dar sentido à própria existência.

Já Vera Candau (2012) contribui com uma abordagem intercultural que reconhece a pluralidade e a alteridade como constitutivas da identidade. O contato de Alice com personagens excêntricos e lógicas outras pode ser interpretado como metáfora do encontro com o diferente, que provoca desconforto, mas também aprendizagem e transformação. Assim como na formação docente — foco específico deste estudo —, a identidade emerge no entrelaçamento com o outro, na convivência com a diferença, na escuta e na abertura para novos sentidos.

Portanto, a obra de Carroll, quando lida à luz dessas teorias, revela-se um poderoso recurso para pensar a identidade não como algo pronto ou dado, mas como travessia, experiência vivida e negociação constante com o mundo social e simbólico. Para os





profissionais da educação, especialmente os docentes, essa leitura oferece a possibilidade de reconhecer sua própria trajetória como um processo múltiplo, inacabado e atravessado por desafios, tensões e possibilidades de reinvenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A referida obra analisada revela o potencial formativo enquanto metáfora dos processos identitários. Como vimos, Alice representa o sujeito contemporâneo: em trânsito, em crise, em (re)construção constante. Sua travessia por um mundo ilógico e instável simboliza os desafios de constituir-se como sujeito em contextos marcados pela diversidade, pelo deslocamento e pela necessidade de diálogo com o outro. Ao aproximar literatura e teoria social, reconhecemos na obra de Carroll um convite à reflexão sobre as complexas formas de ser e tornar-se sujeito em um mundo em permanente transformação.

A linguagem ambígua e o absurdo presentes no mundo de Carroll também ecoam no cotidiano escolar. Regras contraditórias, discursos sobre educação que nem sempre se traduzem em prática, exigências curriculares rígidas convivendo com a necessidade de sensibilidade e flexibilidade — tudo isso exige do professor(a) uma capacidade constante de interpretação e resignificação.

Além disso, como Alice, o docente enfrenta figuras de autoridade e estruturas hierárquicas que, muitas vezes, impõem modelos normativos de ser professor(a), dificultando o reconhecimento de múltiplas formas de atuação e expressão. Nesse sentido, a leitura do conto nos ajuda a pensar a docência como um território simbólico onde se travam disputas por identidade, reconhecimento e legitimidade.

Desse modo, compreender o conceito de identidade é essencial para refletir sobre os processos de construção do sujeito na contemporaneidade. Stuart Hall (2006) argumenta que, na era pós-moderna, a identidade deixa de ser concebida como algo fixo e essencial para ser entendida como algo fragmentado, múltiplo e em constante transformação. Como vimos, segundo o autor, as identidades culturais são construídas no entrecruzamento de discursos,





práticas e posicionamentos sociais que moldam o sujeito em diferentes contextos históricos e culturais. Assim, a identidade passa a ser vista como um processo, e não como uma essência, revelando sua instabilidade diante das mudanças sociais, políticas e simbólicas que atravessam os indivíduos. E assim, aconteceu com Alice e sua jornada (processo) no país das maravilhas.

Nesse sentido, ao refletirmos sobre a identidade docente, torna-se evidente que essa também não é uma categoria estática. Dubar (2005) reforça essa compreensão ao apresentar a identidade como resultado de negociações entre trajetórias sociais e construções subjetivas, o que é particularmente relevante no campo da docência. A identidade profissional do professor é atravessada por múltiplas experiências — de formação, atuação e reconhecimento social — e está em constante reconstrução diante das exigências das reformas educacionais, das mudanças curriculares e das novas relações entre saberes e práticas pedagógicas.

Compreender a identidade docente sob essa perspectiva é fundamental para pensar a formação de professores de maneira mais crítica e contextualizada, valorizando os percursos individuais e os desafios coletivos que constituem o ser docente na atualidade. Por fim, Alice retorna transformada de sua jornada, o docente também se transforma constantemente: a cada turma, a cada desafio, a cada diálogo com o outro. A identidade docente, tal como a da personagem, é uma travessia inacabada — marcada pela escuta, pela reflexão e pela abertura ao inesperado.

REFERÊNCIAS

CARROLL, Lewis. Alice no País das Maravilhas. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo: Martin Claret, 2002.

CANDAU, Joel. Memória e identidade. São Paulo: Contexto, 2021.

CANDAU, Vera Maria. Educação intercultural: mediações e perspectivas. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.





DUBAR, Claude. A crise das identidades: a interpretação de uma mutação. Campinas: Papirus, 2005.

GARCIA, M. Identidade docente: um processo de identificação e diferenciação. Revista Educação e Pesquisa, v. 46, 2020.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010

MOITA, Filomena Maria. Educação e identidade. São Paulo: Cortez, 2013.

NÓVOA, Antônio. Formação de professores e profissionalização. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1988.

ORIOU, Michel. Identidade e globalização. Revista de Estudos Sociais, n. 35, p. 87–105, 1984.

PASSEGGI, Maria Conceição. Formação e autobiografia: teoria e prática. São Paulo: Cortez, 2011

Recebido em: 01/03/2026

Aprovado em: 17/03/2026

Publicado em: 02/04/2026

